

## ECOSSISTEMA DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL: o caso do Estado da Paraíba

**ADRIANA DE OLIVEIRA RAMOS**  
FACULDADE MAURICIO DE NASSAU

**TÁRCILA BEZERRA VASCONCELOS**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

### Introdução

A sociedade vem enfrentando dificuldades atreladas às diversas desigualdades sociais, sejam elas econômica, social, ambiental, educacional ou de outras naturezas, são problemas que continuam afetando grande parte da população. Nesse cenário, o desemprego é uma realidade para uma parcela da população e o empreendedorismo tem se demonstrado como um elemento impulsionador ao desenvolvimento dos países e uma alternativa em resposta às situações de crise. Desse modo surge o empreendedorismo social onde o foco da atividade é o impacto social.

### Problema de Pesquisa e Objetivo

O empreendedorismo social tem atraído grande interesse nas últimas duas décadas e os estudos se tornaram-se um fenômeno e vem crescendo na academia. Diante das dificuldades que assolam a sociedade, o empreendedorismo social surge com o objetivo para além da lucratividade, onde busca soluções para os problemas sociais e se faz necessário compreender a configuração do Ecossistema de Empreendedorismo Social no Estado da Paraíba. Isto posto, essa pesquisa tem como objetivo analisar as configurações do Ecossistema de Empreendedorismo Social da Paraíba.

### Fundamentação Teórica

Os ecossistemas de empreendedorismo se baseiam na ideia de criar um ambiente de fortalecimento desse tipo de empreendimento, incluindo atores dos diversos setores da sociedade numa rede de articulação para discutir demandas, trocar apoio e difundir oportunidades de empreender. Isenberg (2010) traz então o conceito mais utilizado até os dias atuais sobre ecossistema empreendedor, no qual ele afirma que o ecossistema é composto por alguns domínios, que são eles: política, finança, cultura, apoio, capital humano e mercados.

### Metodologia

Adotou-se uma abordagem qualitativa de natureza descritiva e exploratória. O método escolhido foi o estudo de caso, por ser um método que permite o detalhamento de um único objeto de estudo ou de múltiplos objetos e por ser utilizado para compreender fenômenos pouco estudados e os aspectos específicos de uma teoria (Pesce & Abreu, 2019). Foi realizada coleta de dados, entrevista semiestruturada e observação não participante. As entrevistas com os sujeitos de pesquisa foram realizadas através de questionário semiestruturado. As análises foram realizadas através do software Atlas.ti., 2022.

### Análise dos Resultados

Os resultados das entrevistas realizadas com os atores que fazem parte do Ecossistema da Paraíba, identificando dentro das dimensões os indicadores de maior influência e como eles se relacionam. Foram criados 37 códigos a partir do framework criado por Audretsch et al. (2022) e foram feitas 407 citações (quotations) ao total. Audretsch et al. (2022) aborda em seu trabalho os 6 pilares estabelecidos por Isenberg, (2011) orientados para o lucro para analisar de acordo com a literatura existente as necessidades dos inovadores sociais, sendo abordada todos os pilares no EES da Paraíba

### Conclusão

A partir da análise dos dados obtidos, percebe-se alguns entraves no Ecossistema de Empreendedorismo Social da Paraíba. Por exemplo, foi percebido que políticas públicas voltadas a empreendedorismo e inovação precisam ser implementadas. Essas políticas precisam ter orçamentos próprios e medidas de avaliação de impacto. Ademais, destaca-se o distanciamento e a ausência de interação dos atores com os programas ofertados ou até mesmo programas direcionados aos empreendedores sociais.

### Referências Bibliográficas

Audretsch, D. B., Eichler, G. M., & Schwarz, E. J. (2022). Emerging needs of social innovators and social innovation ecosystems. In *International Entrepreneurship and Management Journal* (Vol. 18, Número 1). Springer US. <https://doi.org/10.1007/s11365-021-00789-9> Isenberg, D. J. (2010). The big idea: How to start an entrepreneurial revolution. *Harvard Business Review*, 88(6), 1–18. Isenberg, D. J. (2011). The Entrepreneurship Ecosystem Strategy as a New Paradigm for Economic Policy: Principles for Cultivating Entrepreneurships. *The Babson Entrepreneurship Ecosystem Project*, 1(781), 1–13.

### Palavras Chave

ecossistema de empreendedorismo, empreendedorismo social, impacto social

# ECOSSISTEMA DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL: o caso do Estado da Paraíba

## 1 Introdução

A sociedade vem enfrentando dificuldades atreladas às diversas desigualdades sociais. Desde meados da década de 1990, países da América Latina se engajaram na tentativa de impulsionar o crescimento econômico com políticas de distribuição de renda. No Brasil, especificamente, destacaram-se as políticas de cunho social associadas, por exemplo, à transferência condicionada de renda, ao aumento das taxas reais de crescimento do salário mínimo e ao aumento dos gastos públicos em saúde, educação e infraestrutura (Azevedo *et al.*, 2022). Todavia, as desigualdades, sejam elas econômica, social, ambiental, educacional ou de outras naturezas, são problemas que continuam afetando grande parte da população.

Nesse contexto, o empreendedorismo social surge como resposta para os diversos desafios da sociedade (Ashoka, 2021; Sassmannshausen & Volkmann, 2013). O empreendedorismo social, apesar de ser trabalhado na literatura recentemente, vem atraindo a atenção de pesquisadores, difundindo rapidamente e aumentando consideravelmente o número de pesquisas, publicações e conferências específicas sobre a temática (Carmona *et al.*, 2018). Tal constatação evidencia o interesse pelo assunto. Contudo, para que os empreendimentos sociais sejam desenvolvidos e implementados é necessário um ambiente favorável, onde eles possam, em conjunto com todas as partes interessadas, desempenharem suas atividades com êxito para desenvolver a localidade e ter suas ideias viabilizadas.

Esses espaços ou ambientes começam a ser chamados de ecossistema de empreendedorismo ou termos correlatos. O termo advém da biologia e foi usado pela primeira vez em 1996 por James Moore na sua obra intitulada de “*The death of competition*” (Gobble, 2014). O trabalho de Moore (1996) definiu o ecossistema de negócios empresariais (*business ecosystem*) como comunidades econômicas apoiadas por indivíduos e organizações em que as empresas ocupam nichos tais quais espécies em biomas, sendo que os vários membros do ecossistema evoluem. Com isso, esse conceito estabelece um paralelo com os ecossistemas biológicos naturais, onde a vida se cria, se adapta e evolui a partir da interação e sinergia inerentes a cada sistema (Audy & Piqué, 2016).

Dessa forma, os ecossistemas empreendedores (EEs) conquistaram definitivamente seu lugar como tema de interesse nas agendas de pesquisadores e líderes políticos (Alvedalen & Boschma, 2017; Isenberg & Onyemah, 2016; Spigel, 2017; Stam, 2015). Contudo, apesar do aumento do número de estudos com foco neste campo, percebe-se que a literatura se encontra na fase de desenvolvimento teórico (Fernandes & Ferreira, 2022), uma vez que, a velocidade e a incidência de publicação desses novos estudos levaram a uma falta de coordenação e tornaram a literatura da área carentes de sistematização e de um arcabouço teórico adequado (Alvedalen & Boschma, 2017; Spigel, 2017; Spigel, & Harrison, 2018; Stam, 2015). Com isso, as abordagens sobre os aspectos gerenciais do ecossistema empreendedor são claramente insuficientes (Stam, 2015), dado que, fornecem apenas uma lista de componentes (Isenberg, 2011) ou pilares (World Economic Forum, 2014), permanecendo geralmente na superfície.

Diante deste contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar a configuração do ecossistema de empreendedorismo social na Paraíba. A agência dos atores e elementos presentes nos ecossistemas de empreendedorismo social é fundamental para que haja impacto e transformação local. Assim, a compreensão dos elementos que compõem esses ecossistemas e como eles se complementam é imprescindível para que essas mudanças sejam desenvolvidas e perpetuadas ao longo do tempo. Isto posto, se faz importante conhecer quais são esses elementos, como eles se relacionam para promover uma dinâmica virtuosa de desenvolvimento local na região/setor em que estão posicionados e quais os impactos que podem ser gerados em

termos de transformação social.

Deste modo, o trabalho se justifica pela necessidade de análise da configuração do ecossistema de empreendedorismo social do estado da Paraíba, no desenvolvimento local que esses empreendimentos proporcionam para sociedade, como também, para contribuir com a literatura no campo, buscando identificar e sistematizar a estrutura conceitual da literatura.

Em termos estruturais, esse artigo se organiza em cinco seções. Além desta introdução, apresenta-se o referencial teórico que aborda as discussões sobre a definição de ecossistema e o modelo de ecossistema de empresas sociais. Na terceira seção, detalham-se os procedimentos metodológicos. Os resultados são apresentados e discutidos na quarta seção. E, por fim, têm-se as considerações finais.

## **2 Ecossistema de Empreendedorismo Social**

O termo ecossistema foi abordado em diversas áreas até chegar na Administração. Inicialmente, foi criado pelo biólogo Tansley, em 1935, referindo-se a ideia de que organismos não devem dissociar-se de seu *habitat* natural. Segundo Tansley, o conceito de ecossistema está baseado na ideia de superorganismo, o qual é capaz de evoluir ao longo do tempo. O conceito de ecossistema é recente e não existe um consenso sobre a sua definição (Carvalho, Viana & Mantovani, 2016). Apesar da diversidade de abordagens, o elo comum entre os conceitos é a certeza de que o ecossistema é uma rede complexa e um sistema interconectado (Kabbaj et al., 2016; Rahatullah Khan, 2013), dado que, qualquer ecossistema envolve vários elementos-chave interconectados, que interagem constantemente e se reforçam mutuamente, englobando vários componentes que precisam cooperar para facilitar a inovação e o crescimento (Stam, 2015; World Economic Forum, 2013).

Com isso, os ecossistemas de empreendedorismo se baseiam na ideia de criar um ambiente de fortalecimento desse tipo de empreendimento, incluindo atores dos diversos setores da sociedade numa rede de articulação para discutir demandas, trocar apoio e difundir oportunidades de empreender. O ecossistema se baseia em organizações que se relacionam de forma interdependente, esses agentes do ecossistema de negócio compartilham conhecimento e recursos por considerarem que, dessa forma, podem alcançar os objetivos de uma maneira melhor do que se trabalhassem individualmente (Ikenami, 2016).

Isenberg (2010) traz então o conceito mais utilizado até os dias atuais sobre ecossistema empreendedor, no qual ele afirma que o ecossistema é composto por alguns domínios, que são eles: um conjunto de atores empreendedores (incluindo potenciais clientes e fornecedores), universidades e centros de pesquisa, operadores sociais e culturais, instituições e formuladores de políticas, grandes empresas, *startups* e empreendedores inovadores, especialistas e profissionais, investidores e um conjunto de pessoas talentosas. Portanto, os pilares e domínios do ecossistema empreendedor elaborado por Isenberg (2010; 2011) evidenciam uma mudança nos paradigmas do pensamento econômico sobre as empresas e mercados ao proporem uma nova perspectiva econômica fundamentada em indivíduos, instituições formais, informais e redes.

O pensamento atual sobre ecossistemas empreendedores pode ser visto como o resultado de desenvolvimentos em várias literaturas relacionadas (Wurth *et al.*, 2021), atentando-se que o conceito de ecossistema empreendedor ficou amplamente conhecido e disseminado por meio do artigo do Professor Daniel Isenberg publicado na *Harvard Business Review* (Isenberg, 2011). Para Isenberg (2011), um ecossistema empreendedor é constituído por seis grandes constructos, a saber: Políticas, Finanças, Cultura, Apoio, Capital Humano e Mercados. Nota-se que para o autor cada elemento isolado é favorável ao empreendedorismo, mas insuficiente para sustentá-lo. Juntos eles turbinam a criação e o crescimento dos empreendimentos.

Um ecossistema empreendedor consiste em todos os elementos necessários para sustentar o empreendedorismo em um determinado território (Stam & Van de Ven, 2019) onde os diversos atores são interdependentes, influenciando e sendo influenciados uns pelos outros (Brush *et al.*, 2018). Entretanto, em se tratando do ecossistema empreendedor na perspectiva social, Lévesque (2016) iniciou a discussão ao propor alguns elementos ou características que formariam um ecossistema para promover empresas sociais. A ideia é ser uma ferramenta que contemple as partes interessadas dentro de um ecossistema estruturado e claro quanto a sua sustentabilidade financeira e impacto social.

Assim, foi iniciado os estudos sobre o Ecossistema de Empreendedorismo Social com esses elementos selecionadas que formam o ecossistema, onde no centro do ecossistema se encontra a estrutura política para as empresas sociais e ao seu redor, o enquadramento jurídico, os mercados de investimento (impacto social), os sistemas de medição e relatório de impacto, as redes e mecanismos de apoio mútuo, os serviços especializados e suporte para o desenvolvimento dos negócios e os sistemas de certificação, marcas e rótulos.

Além do mais, aliando o modelo de ecossistema empreendedor tradicional e buscando identificar as necessidades emergentes dos inovadores sociais e ecossistemas de inovação social, Audretsch *et al.* (2022) criam um modelo partindo das seis dimensões criadas por Isenberg (2011), acrescentando as dimensões do ecossistema de inovação social e as necessidades do inovador social amplamente negligenciadas pela literatura.

Com isso, o modelo de ecossistema empresarial de Isenberg (2011) é alavancado para o desenvolvimento de um novo modelo de ecossistema de inovação social. Audretsch *et al.* (2022) levanta questionamentos acerca dos modelos anteriormente implementados e voltados para ecossistemas empreendedores orientados para o lucro. Ele tem como objetivo explorar as características dos inovadores sociais e suas necessidades emergentes em uma região onde o ecossistema de inovação está em seu estágio inicial. É desenvolvido um modelo para se sobrepôr aos ecossistemas tradicionais e discutir as possíveis sinergias e tensões entre os dois ecossistemas. Esse *framework* oferece, aos formuladores de políticas e profissionais de maneira geral, uma estrutura concreta para providenciar um ambiente de suporte aos empreendedores sociais.

### 3 Metodologia

O objetivo dessa pesquisa foi analisar as configurações do Ecossistema de Empreendedorismo Social (EES) na Paraíba. Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza descritiva e exploratória. O método escolhido foi o estudo de caso, por ser um método que permite o detalhamento de um único objeto de estudo ou de múltiplos objetos e por ser utilizado para compreender fenômenos pouco estudados e os aspectos específicos de uma teoria (Pesce & Abreu, 2019).

O Estado da Paraíba tem se consolidado como um ambiente fértil para a inovação e a produção tecnológica, seja através das *startups*, de empresas inovadoras, incubadoras, instituições de ensino e fomento, dentre outros atores que estão inseridos no ecossistema local. O estado vive um momento único para o fortalecimento e integração dessa rede de atores, visando o amadurecimento do ecossistema e a consolidação da cultura do empreendedorismo e da inovação.

Quanto à definição dos sujeitos de pesquisa, a partir de uma amostragem não probabilística, optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas com os atores-chave envolvidos direta e indiretamente no Ecossistema de Empreendedorismo Social da Paraíba. Com isso, os sujeitos de pesquisa foram incorporados nas seguintes categorias: institucionais, sociais e organizacionais. As entrevistas contaram com dois tipos de roteiros semiestruturados. Um roteiro para os atores institucionais e organizacionais, e um outro roteiro somente para os

atores sociais. O critério de escolha foi por acessibilidade, usando também a técnica de bola de neve. A amostra, portanto, foi não probabilística, do tipo intencional e por acessibilidade.

Foi realizado coleta de dados primários de múltiplas fontes, são elas: entrevista semiestruturada e observação não participante. As entrevistas com os sujeitos de pesquisa foram realizadas através de questionário semiestruturado construído a partir das seis dimensões descritas pelo modelo de Isenberg (2011), são elas: Política, Finanças, Mercados, Capital Humano, Apoio e Cultura. Em sequência, os indicadores tiveram como base o *framework* proposto por Audretsch *et al.* (2022) onde foram abordados 27 indicadores. Os indicadores estão alocados nas seis dimensões propostas Isenberg (2011) e são divididas em duas categorias: 1) Os indicadores que são próprios dos EESs; e 2) Os indicadores que são inerentes a ambos ecossistemas (social e tradicional).

Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo (Bardin, 1977) seguindo os critérios de validade e confiabilidade propostos por Larrinaga (2017). Ao total foram realizadas 12 entrevistas entre os meses de março, abril e junho de 2022. As entrevistas foram realizadas tanto presencialmente como online através do Google Meet e a quantidade de entrevistas foi definida por meio do ponto de saturação (Glaser & Strauss, 2017). A maioria dos entrevistados trabalha em universidades públicas e fazem parte de programas de fomento ao empreendedorismo. No entanto, houveram também entrevistados de outros tipos de instituições que contribuem para o fomento do empreendedorismo social, como, por exemplo, representantes de associações e cooperativas.

O *software* Atlas.ti. auxiliou na organização, integração e sintetização das informações obtidas. O uso do *software* facilitou a categorização e interpretação dos dados a partir da análise da magnitude de cada indicador que indica a quantidade de *quotations* atribuídas a um determinado código. Quanto maior o número de *quotations*, maior a relevância do indicador para os entrevistados. O *software* foi escolhido devido a sua capacidade de proporcionar aos pesquisadores a organização, montagem e gerenciamento de forma criativa e sistemática dos materiais para análises qualitativas (Atlas.ti., 2022).

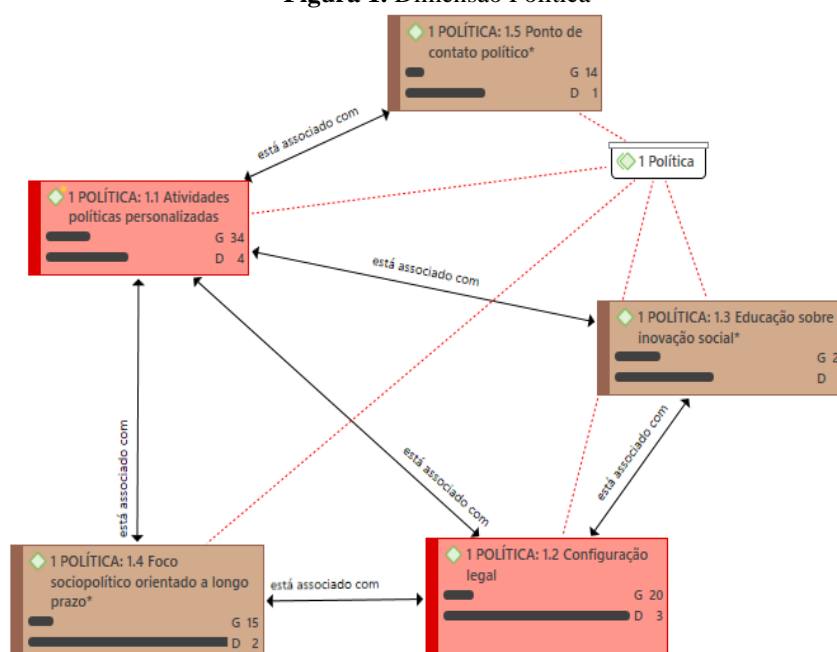
## **4 Análise e Discussão dos Resultados**

Esta seção apresenta os resultados das entrevistas realizadas com os atores que fazem parte do Ecossistema da Paraíba, identificando dentro das dimensões os indicadores de maior influência e como eles se relacionam. Foram criados 37 códigos a partir do *framework* criado por Audretsch *et al.* (2022) e foram feitas 407 citações (*quotations*) ao total.

### **4.1 Dimensão Política**

O objetivo da “Política” para Isenberg, (2011) não deve ser ter uma alta taxa de sobrevivência de empreendimentos, mas ter empreendimento com alto potencial de sobrevivência e empreendimentos de baixo potencial para falir, quanto mais cedo melhor. Ele aborda várias implicações políticas em sua pesquisa, inclusive que o empreendedorismo precisa de políticas e ambientes diferentes, ou seja, que é necessário um ambiente adequado com políticas implementadas para esses tipos de empreendimento (Ver Figura 1).

**Figura 1. Dimensão Política**



Fonte: Rede gerada no Atlas.ti, com base nos dados da pesquisa de campo (2022).

Audretsch *et al.* (2022) aborda em seu trabalho os 6 pilares estabelecidos por Isenberg, (2011) orientados para o lucro como estrutura para analisar de acordo com a literatura existente as necessidades dos inovadores sociais. A iniciar com o pilar “Política” que de acordo com o autor pode permitir que essas novas formas organizacionais (empreendimentos sociais com objetivos sociais e econômicos) sejam ainda mais avançadas e promovidas, os quais podem receber financiamentos específicos a nível local, regional, nacional e até mesmo internacional e que devido ao seu hibridismo, os empreendedores sociais têm acesso a financiamentos tanto do setor com fins lucrativos quanto do não lucrativo (Battilana *et al.*, 2012). Os resultados apresentados na Figura 1 apontam que esta dimensão possui os 5 indicadores e que eles possuem entre si algum tipo de associação.

As variáveis de análise elencadas no *framework* abordado por Audretsch *et al.* (2022) conta com 5 indicadores que compõem a dimensão “Política”, sendo elas necessidades emergentes amplamente negligenciadas pela literatura como as atividades políticas personalizadas e configuração legal e necessidades negligenciadas específicas do inovador social que são educação sobre inovação social, foco sócio político orientado a longo prazo e ponto de contato político.

Quanto às necessidades identificadas por Audretsch *et al.* (2022), as atividades políticas personalizadas e configuração legal, segundo o autor, são relevantes para inovadores sociais e empreendedores orientados para o lucro, eles, portanto, representam uma sobreposição dos dois ecossistemas. Tendo como base de análise esses dois indicadores que se mostram necessários nos dois ecossistemas, abordando com os entrevistados sobre essas perspectivas atreladas ao empreendedorismo social na Paraíba que é o foco do estudo, a maioria dos entrevistados ressalta que atualmente é necessário a criação de políticas públicas direcionadas aos empreendedores sociais que tragam a conscientização sobre a problemática social através da ligação direta com a sociedade e introduzindo a educação sobre inovação social.

Dentre os diversos posicionamentos acerca da criação de políticas públicas personalizadas e já trazendo essa tratativa, o entrevistado E1 afirma que “[...] é necessário formulação de políticas públicas com a participação dos beneficiários, ou seja, é fundamental que a sociedade participe ativamente nesse processo de formulação para que de fato elas

venham tentar sanar as problemáticas existentes na sociedade”. Além do mais, é possível identificar que programas estabelecidos para atender o público da agricultura familiar são abordados em praticamente todas as entrevistas e ainda mencionados. Então essa necessidade identificada por Audretsch *et al.* (2022) em seu trabalho se faz presente no ecossistema de empreendedorismo da Paraíba, sendo necessário que sejam criadas políticas públicas que englobam outros tipos de empreendimentos, outros mercados e a diferentes públicos.

Fica abalizado que as dimensões abordadas inicialmente por Isenberg (2011) e posteriormente as necessidades visualizadas dentro dessas dimensões abordadas pelo autor Audretsch *et al.* (2022) trazem evidências diante das entrevistas realizadas que todos são de fatos e necessidades presentes no ecossistema de empreendedorismo social da Paraíba. Logicamente que alguns pontos já se encontram em certa evolução, como as políticas públicas já implementadas, uma certa configuração legal já estabelecida, pontos de apoio políticos, mas que se fazem necessários para o desenvolvimento, fortalecimento e crescimento do EES.

Segundo E6 “Temos células de ES fantásticas na Paraíba e se tivesse um olhar mais generoso com políticas públicas mais arrojadas para atender essas comunidades, você teria um sucesso maravilhoso aqui na Paraíba”. Isto remete a constatação de que para agir com mais efetividade políticas precisam ser elaboradas com determinação e intensidade. Ele expõe ainda que “todo ecossistema ele trabalha com a *hélice triple*, a comunidade (as pessoas que empreende), as entidades governamentais (o governo) e o terceiro setor, então essa hélice governamental é fundamental no país como o nosso” (Entrevistado 6).

Em sequência, Audretsch *et al.* (2022), identifica as necessidades negligenciadas do inovador social. A Educação sobre inovação social é um ponto crucial dentro dessa dimensão política. Há, então, sob esta lacuna não preenchida pelas instituições e pelos formuladores de políticas uma preocupação e formação de um discurso de busca e valorização por outras formas de educação que vão além do ensino formal, alinhado à necessidade de se investir na formação empreendedora já a partir dos primeiros anos de escola (Vieira, 2019), como ressaltado nas falas a seguir: E10 “[...]iniciar na base, no ensino fundamental, porque uma vez que isso existe lá no ensino fundamental você leva para o restante da vida” (E10); “Necessário qualificação dos líderes comunitários [...] capacitações e projetos de extensão” (E1); e, “[...] entendimento individual dos conceitos de inovação” (E3).

Constatou-se que em se tratando de políticas para os empreendimentos sociais, ainda é bem incipiente na prática. Em um ecossistema ideal, as políticas seriam definidas de forma que envolvessem ambos os atores, porém nem sempre isso é possível (Audretsch *et al.*, 2022). Os atores entrevistados reconhecem a importância, trazem exemplos de algumas políticas já implementadas, porém não há programas direcionados ao ES como um todo, está muito restrito por exemplo a cadeia de produção rural e que ainda falta uma sinergia entre as camadas da Hélice Tríplice.

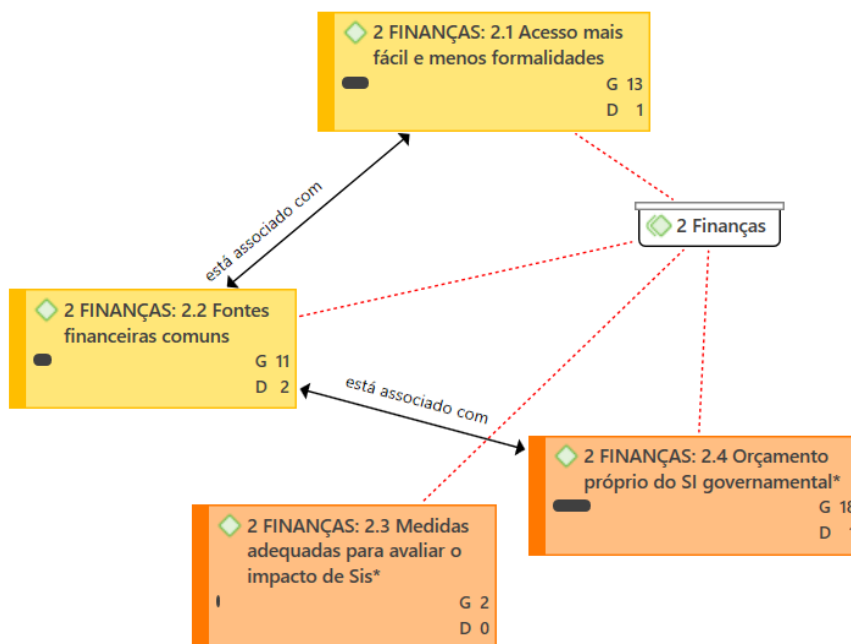
#### **4.2 Dimensão Finanças**

A maioria dos empreendimentos passa por diversas etapas de captação de recursos financeiros entre seu estágio inicial e sua maturidade por possuir acesso limitado à capital (Mack & Mayer, 2016). As principais fontes dessa captação são o autofinanciamento, família, amigos, bancos, investidores anjos, capital de risco (venture capital) e incubadoras, sendo importante ao fomento à disposição no ambiente de diferentes tipos de financiamento (Acs *et al.*, 2017; Isenberg, 2011; Spigel, 2017).

Audretsch *et al.* (2022) identifica nesta dimensão quatro necessidades, sendo duas delas, acesso mais fácil e menos formalidades e fontes financeiras comuns como sendo comum ao empreendedorismo na sua forma tradicional como ao empreendedorismo social e necessidades identificadas que representam uma atualização do ecossistema empresarial tradicional, que são

medidas adequadas para avaliar o impacto de inovações sociais e orçamento próprio da inovação social (Ver Figura 2).

**Figura 2. Dimensão Finanças**



Fonte: Rede gerada no Atlas.ti, com base nos dados da pesquisa de campo (2022).

Tratando dessas necessidades voltadas ao EES da Paraíba, os respondentes enfatizaram explicitamente que são fundamentais acesso mais fácil e menos formalidades para apoio financeiro aos empreendimentos sociais no Estado. Mas especificamente, o entrevistado E11 mencionou que apesar de todos os benefícios, “ainda há essa dificuldade, às vezes a questão do entendimento com essa burocracia, como funciona, prejudica muito”, pode-se dizer que considerando o conhecimento de uma parte dos empreendedores sociais no atual cenário, a burocracia para conseguir ter acesso a algum tipo de recurso ainda é uma dificuldade premente vislumbrada no ecossistema pelos atores que o compõe.

Além do mais, foi ressaltado a falta de acesso a crédito por alguns respondentes. O entrevistado E6 afirmou que “O que falta é o recurso federal de maneira mais democrática, mais transversal e você ampliaria de maneira significativa essa infraestrutura do EES aqui na região nordeste e na Paraíba nem se fala”. Outro fator que é tido como um gargalo no ecossistema é o acesso a esses recursos, seja oferecido pelo governo ou até mesmo através de linhas de créditos por instituições financeiras, que na sua maioria das vezes é muito complicado e burocrático, o entrevistado E10 fala “eu acho que uma das dificuldades é a falta de acesso a crédito, o fator dinheiro sempre pesa muito”.

Diante dos fatos há evidências que os empreendedores sociais da Paraíba precisam de fontes de financiamento com menos formalidades, como menos burocracia, por exemplo, “em termos documentais, leis, regras impostas de todos os benefícios” (E11) principalmente para os empreendimentos iniciantes “é como se eles só conseguissem caminhar até a esquina, não conseguisse ver que após a esquina existe outra rua, então acho que isso é uma dificuldade imposta” (E11), e ainda algumas vezes os empreendedores têm até o desejo de crescerem, “começam a se regularizar, mas tem medo da burocracia, de se formalizar” (E9).

As fontes financeiras comuns estão diretamente associadas a um orçamento governamental próprio de inovação social, como colocado pelo entrevistado E5, “tudo parte do governo, é o grande propulsor de tudo isso”. Ademais, é perceptível que a dificuldade ao acesso



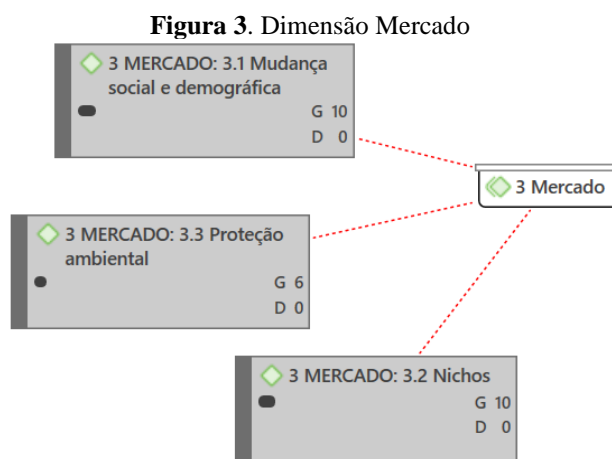
de recursos é enorme no estado da Paraíba, as instituições de pesquisa e extensão têm papel crucial nessa empreitada. Audretsch *et al.* (2022) enfatiza que embora o governo forneça esporadicamente atualmente algum tipo de apoio, esse tipo de apoio está muito relacionado com projetos e que a sua disponibilidade é dispendiosa da composição política atual. O entrevistado E6 afirma que “hoje é arrancado leite de pedra para conseguir algum fomento financeiro para comunidades”. Segundo E6 se faz necessário “volta de programas federais que apoiam o empreendedorismo social”, com orçamentos específicos para esse grupo de empreendedores.

Por conseguinte, se faz essencial no panorama ecossistêmico na Paraíba que orçamentos governamentais sejam direcionados aos empreendedores/inovadores sociais com medidas a avaliar o impacto gerado e que assim como esses programas que mostram serem contributivos para mudanças das comunidades possam ter inseridos os produtos/serviços oferecidos pelos empreendedores sociais. Este é um gargalo posto dentro desta dimensão que precisa ser enxergado pela camada governamental e trabalhado em outras esferas que não esteja somente interligada com o meio rural.

### 4.3 Dimensão Mercados

O empreendedorismo de sucesso é uma força para uma melhor regulamentação e governança, uma vez que, estimula o desenvolvimento de mercados formais de capital (Isenberg, 2011). Zahra *et al.* (2014) acredita que os mercados facilitam a criação de novas empresas por meio da troca de conhecimento e informações, além de proporcionarem os primeiros contatos entre os atores de novos negócios.

O primeiro indicador de mercado como pode ser verificado na figura 3 são os mercados atrelados às mudanças sociais e demográficas que está relacionado com as mudanças da sociedade e das regiões, tendo como ativo positivo a visualização, entendimento e troca de informações adequadas com sociedade, para que ela esteja preparada, para o evacuação dos produtos ofertados no mercado no atendimento de suas necessidades como também atendendo outro indicador que é a proteção ambiental, o entrevistado E6 diz que: [...] o impacto social do empreendedorismo social ele é assim, esse é o objetivo do empreendedorismo social, é o tipo de empreendedorismo que causa mais impacto social e ambiental também (Entrevistado E6).



Fonte: Rede gerada no Atlas.ti, com base nos dados da pesquisa de campo (2022).

No terceiro indicador, os nichos em mercados tradicionais oferecem muitas alternativas também para os empreendedores sociais (Audretsch *et al.*, 2022). Na região da Paraíba, região da realização do estudo, esses nichos incluem vários mercados, por exemplo, o mercado de alimentos, “as mulheres que produzem bolos, produtos de panificação, empreendimentos de polpa de frutas” (E10), no mercado coureiro “são quase 400 pessoas envolvidas na atividade coureira” (E7). Então é os mais diversificados empreendedores que fazem parte desses nichos,

entre eles o “vendedor de pipoca que está nas calçadas, o pipoqueiro, o cara que vende o refrigerante, a água mineral, o que vende a fruta ali na banca” (E5).

Para Audretsch *et al.* (2022), o pilar mercado é o único que não requer atualizações no ecossistema empreendedor tradicional, pois todos os três mercados identificados oferecem grande potencial tanto para inovadores sociais quanto para empreendedores com fins lucrativos. É claramente compreendido que diante dos resultados das entrevistas na região da Paraíba há a necessidade do estudo de mercado, por exemplo o entrevistado E6 faz um adendo relacionando e importância do estudo do mercado para o meio rural “É fundamental para fomentar a organização comunitária rural, a questão do estudo de mercado e a abertura de mercado dos produtos agroindustriais nessas comunidades é também outro aspecto crucial no empreendedorismo social” (Entrevistado E5).

Essa mesma colocação dele em se tratando especificamente da organização comunitária rural é uma necessidade também para as outras gamas de empreendimentos e para os entrevistados as condições de mercados sinalizam como um ponto positivo para a saída dos produtos dentro do ecossistema empreendedor Paraibano. O entrevistado E9 afirma que “vai mudando a realidade, eles começam a evoluir”, o E7 cita uma realidade encontrada na sua cidade que transformou a comunidade como um todo após essa identificação do nicho de mercado e diferenciação dos produtos adotadas por aqueles que acreditaram que daria certo:

[...] a cooperativa começou com 28 sócios e hoje já tem no seu quadro societário mais de 100 pessoas e com a geração de emprego aqui dentro da comunidade do distrito da Ribeira de mais de 300 empregos diretos e indiretos só aqui no distrito, onde temos aproximadamente 1200 pessoas, então são quase 400 pessoas envolvidas na atividade coureira (Entrevistado E7).

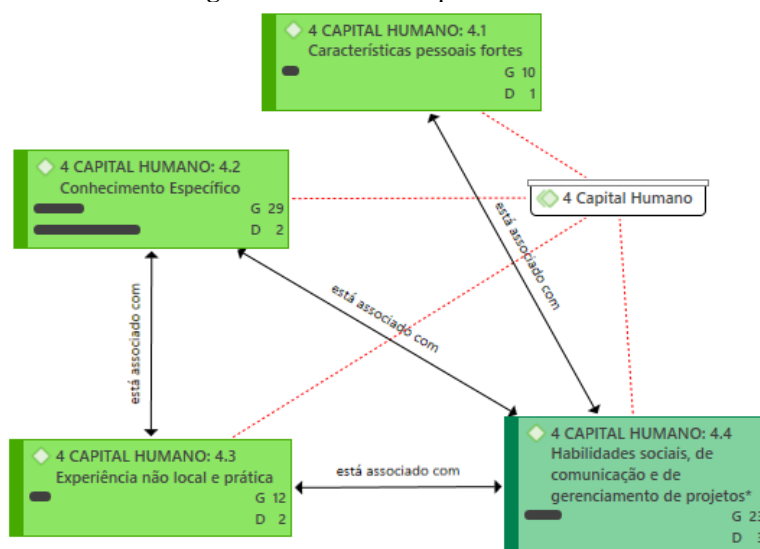
Com isso, é brilhante como esses pilares, o estudo de mercado, as políticas públicas personalizadas voltadas ao desenvolvimento dessa iniciativa, o cuidado com o meio ambiente, os contatos políticos, a sociedade participando ativamente, entre outros indicadores associados conseguem mudar a realidade de uma região inteira. São exemplos como este que devem ser adaptados a outras regiões como modelos de desenvolvimento dentro do ecossistema de empreendedorismo social na Paraíba.

#### **4.4 Dimensão Capital Humano**

Analisando a literatura talvez a presença de um grupo diversificado e qualificado de trabalhadores seja o elemento mais importante de um ecossistema empreendedor eficaz (Stam, 2015; Stam & Spigel, 2017). O capital humano é atualizado por meio de treinamento e experiência, histórias de sucesso inspiram novas gerações e tornam a sociedade mais tolerante a riscos, falhas e criação de riqueza (Isenberg, 2011).

Audretsch *et al.* (2022) identificou 4 necessidades emergentes dentro da dimensão capital humano, sendo três relevantes para os empreendedores orientados para o lucro e para os inovadores sociais que são: características pessoais fortes, conhecimento específico e experiência não local e prática, e uma necessidade crucial para o surgimento da inovação social, e portanto, representa uma atualização do ecossistema empresarial tradicional que é a as habilidades sociais, de comunicação e de gerenciamento de projetos. Desse modo, a rede da dimensão gerada pelo *software* é apresentada na Figura 4.

**Figura 4.** Dimensão Capital Humano.



Fonte: Rede gerada no Atlas.ti, com base nos dados da pesquisa de campo (2022).

O indicador de conhecimento específico se refere ao conhecimento que o indivíduo domina acerca de determinado assunto ou projeto. Este indicador foi descrito como elemento essencial para desenvolvimento do ecossistema de empreendedorismo social da Paraíba (E1, E5, E6 e E8) e também como uma dificuldade encontrada para este desenvolvimento. O E5 fala que “o conhecimento é fundamental, é crucial, o empreendedorismo parte do princípio da ideia, só que na maioria dos casos, tem a ideia, mas não tem o conhecimento técnico necessário para fazer a ideia ser executada”.

Pode-se identificar que algumas instituições parceiras têm contribuído como detentoras desse conhecimento específico e vem fazendo essa ponte até os empreendedores sociais com intuito de inseri-los dentro dos programas e ações que eles desenvolvem ou que o governo oferece, através de suas habilidades sociais, de comunicação e gerenciamento de projetos.

Entre as respostas dos entrevistados podemos identificar algumas instituições de ensino que detêm de conhecimento específico de forma grandiosa e valiosa, o entrevistado E8 fala “sem conhecimento a gente não consegue nada, a maior revolução social que pode ter é o conhecimento, então dentro das universidades, a UFCG, UEPB, IFPB, são importantíssimos”. É possível também afirmar que instituições de pesquisa como o INSA são muito relevantes no processo de desenvolvimento do ecossistema e como detentora de profissionais e parceiros com conhecimento específico acerca de determinados projetos.

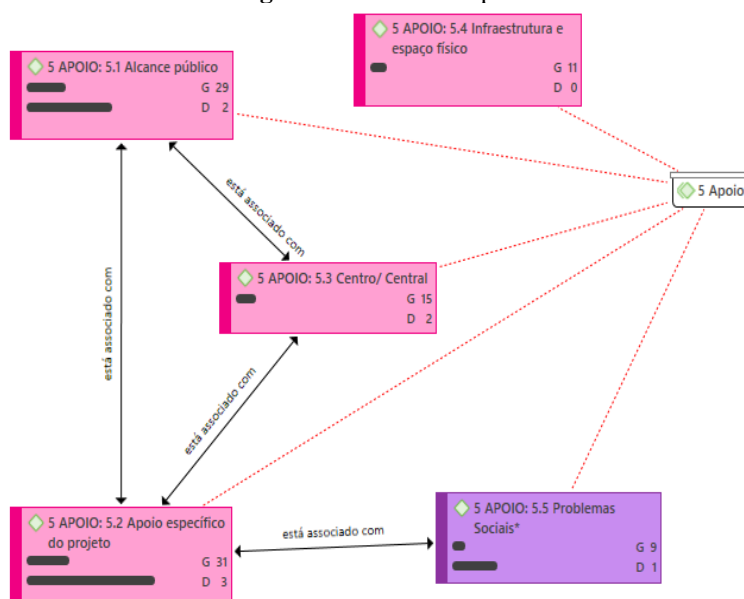
Diante dos fatos expostos é possível corroborar que necessidades abordadas por Audretsch *et al.* (2022) dentro da dimensão capital humano são perceptíveis dentro do ecossistema de empreendedorismo social no Estado da Paraíba e que é necessário mecanismos para sanar essas necessidades e dessa forma haja maior integração e desenvolvimento do ecossistema

Conforme os discursos dos respondentes deste estudo, a Paraíba é um lugar que tem pessoas capacitadas para desenvolver negócios e prestar serviços aos empreendedores sociais, há capital humano que vale muito, entretanto é visível que: a) ainda falta a integração entre essas pessoas detentoras de conhecimento; b) Falta interesse dos gestores em absorção de ideias inovadoras que fornecem impacto a sociedade; e c) falta a disseminação do conhecimento aos empreendedores sociais/ inovadores sociais. Como pode ser notado na fala do E2 “Atualmente cada um faz o seu papel, o Sebrae faz a sua parte, o FIEP, agora falta a integração para que possamos trabalhar no desenvolvimento do projeto para consolidar o ecossistema com um acordo de cooperação, por que cada um faz sua parte isoladamente”.

## 4.5 Dimensão Apoio

A categoria de apoio contém assistência na divulgação pública, como aumentar a conscientização sobre o problema social e dar visibilidade à inovadores sociais de sucesso Audretsch *et al.* (2022). A dimensão apoio é composta por cinco necessidades identificadas no seu estudo, sendo quatro, necessidades adicionais identificadas que são relevantes para empreendedores orientados para o lucro e se sobrepõem ao ecossistema empreendedor tradicional e uma necessidade de um *pool* de problemas sociais que parece ser exclusiva do campo de ecossistema de inovações sociais e requer uma forte atualização do ecossistema empresarial tradicional.

Figura 5. Dimensão Apoio



Fonte: Rede gerada no Atlas.ti, com base nos dados da pesquisa de campo (2022).

De acordo com Audretsch *et al.* (2022) embora os problemas sociais sejam o cerne da inovação social, na literatura esse tipo de *pool* ainda não é abordado e ao reunir problemas sociais, essa instituição de apoio assumiria muitas tarefas importantes (Ver Figura 5). Uma necessidade central para os empreendedores sociais na Paraíba é a disponibilidade de adequadas ações sobre certos problemas sociais que buscam assistência na divulgação pública que pode ser apoiada por meio de eventos, shows, diversas contribuições de mídias Audretsch *et al.* (2022), como sublinhou o E11 “então a gente começou mostrar alternativas, trabalhar nesse sentido, as redes sociais, Instagram, Facebook, WhatsApp, vendas por WhatsApp, que muitas vezes eles não se atentaram para essas novas formas de fazer negócio”. Então fica claro que os meios de comunicação podem fomentar o empreendedorismo social.

O E5 afirma que “eles carecem muito de acesso a pontos de comercialização oficial, eles não conseguem colocar por exemplo aquilo que produzem em redes de varejo, eles não conseguem espaço em ambientes como shoppings, não conseguem penetrar nesses pontos mais sofisticados de comercialização, então eles têm essa dificuldade justamente por falta de organização” É possível então diante das entrevistas observar que há uma carência encaixada nesse indicador que é a comercialização, associado ao indicador centro/central que é a necessidade de centro/hub, um local físico que sirva de ponto de contato e informação, bem divulgado e facilmente constatável.

É versado também e os entrevistados voltam sempre ao tocante dos empreendedores do meio rural, a agricultura familiar é tida como exemplo de organização, considerando que o

governo disponibilizou através de apoio com as prefeituras municipais mecanismos para a disponibilidade uma infraestrutura adequada para esses tipos de empreendimentos.

Além disso, é necessário suporte específico do projeto. O apoio no acesso a redes específicas foi listado como fundamental pelos 12 entrevistados e foi o mais comumente citado dentro desta dimensão, eles declaram que esse apoio pode ser oferecido de diversas formas como citam E1 “projetos de extensão, capacitações”, E6 “o acompanhamento, a consultoria e a transferência de tecnologia” e através de diferentes parceiros com apoio específico como colocados por E6 “as instituições de apoio para transferir tecnologia, dar acompanhamento, fazer levantamento de mercado, deveria ter mais universidades, mais instituições de suporte dando mais apoio para esses empreendimentos sociais”.

É impressionante a mudança que o empreendedorismo pode gerar em uma comunidade e por conseguinte contribuir para sanar os problemas sociais existentes, um entrevistado traz em uma de suas fala o impacto gerado pela iniciativa empreendedora através de uma cooperativa, “um impacto bombástico porque se não fosse a cooperativa e a sua renda, o distrito de Ribeira estava fadado a não ter mais pessoas morando, a não ser os aposentados e alguns funcionários públicos, não tinha condições de sobreviver, aqui antes as pessoas só viviam da agricultura” (E7).

E a associação dos indicadores apoio específico de um projeto, alcance público e central fica evidenciada na fala do entrevistado E8 que faz parte de uma Incubadora tecnológica

A gente vai tentar sanar os principais problemas da sociedade, problemas como: fome, moradia, segurança, saúde pública, porque se a gente não consegue resolver esses problemas como que a gente vai para os outros, então como a gente vai saber resolver um problema se a gente não conversa diretamente com quem está vivenciando no dia a dia esses problemas (Entrevistado E8).

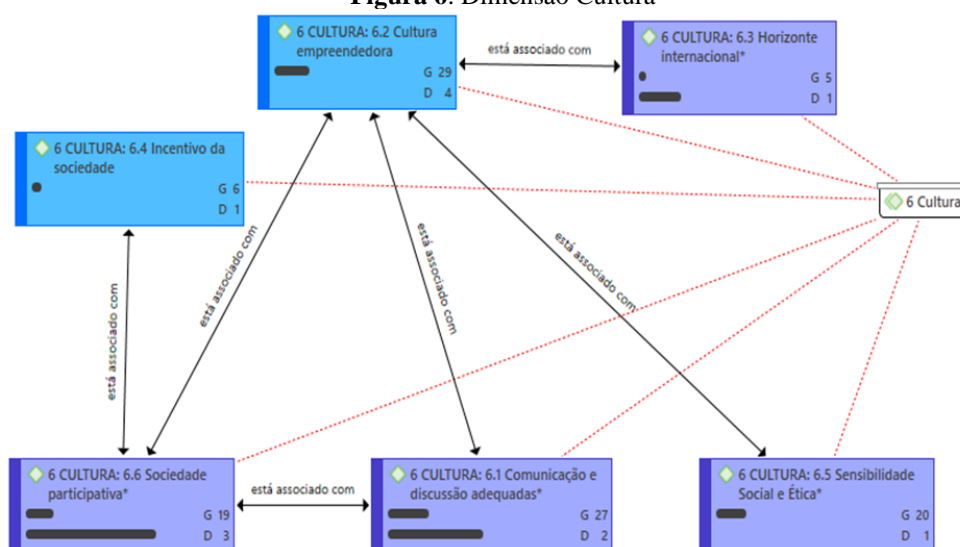
Se fazendo necessário esse ponto central onde os inovadores pudessem acessar e assim as instituições que oferecem programas e ações de acordo com as necessidades dos mesmos pudessem apoiá-los. Então fica explícito que as necessidades abordadas por Audretsch *et al.* (2022) na dimensão apoio estão de fatos presentes no Ecossistema de empreendedorismo social da Paraíba, sendo necessário pontos de observação e tomadas de decisões que mudem este cenário ecossistêmico, para que dessa forma ele consiga desenvolver e alcançar um público de maneira efetiva trazendo mudanças sociais, econômicas e ambientais.

#### **4.6 Dimensão Cultura**

De acordo com o estudo realizado pela Fundação Getulio Vargas (2012) a cultura para a inovação presume a “presença de elementos da cultura que favoreçam a inovação, como aprendizagem encorajada, facilidade de compartilhamento de ideias e críticas, solução de conflitos” (p. 48). Audretsch *et al.* (2022) comenta que para os inovadores sociais, é necessária uma cultura de apoio ao empreendedorismo e às inovações em geral, bem como uma cultura de sensibilidade social. Com isso, os resultados da dimensão “Cultura” são apresentados na Figura 6.

Composta por 6 indicadores como apresentados na Figura 10, sendo o indicador de comunicação adequada o mais citado. A dimensão “Cultura” representa o campo onde o autor Audretsch *et al.* (2022) afirma que mais (quatro) atualizações do ecossistema empreendedor tradicional são necessárias. Ele cita como em primeiro lugar o desenvolvimento e implementação da inovação social, surgindo então a necessidade de uma cultura adequada de comunicação e discussão e que ainda é pouco discutida na literatura. Pode-se afirmar que de fato soluções inovadoras na sua grande maioria das vezes partem da conversa, discussão entre os indivíduos.

Figura 6. Dimensão Cultura



Fonte: Rede gerada no Atlas.ti, com base nos dados da pesquisa de campo (2022).

Essa cultura de comunicação e discussão quer dizer que é fundamental que os indivíduos possuam uma comunicação e discussão sobre os problemas sociais para que assim consigam exprimir a sua opinião e criarem soluções para solucionar esses problemas, sendo primordial o respeito mútuo. De acordo com os entrevistados, a comunicação e discussão no Ecosistema de empreendedorismo social na Paraíba ainda não se encontra de forma efetiva, “Precisa ter planejamento, avaliação, continuidade” (E1), faltando essa integração e discussão de forma que todos os atores façam parte.

O ecossistema se mostra ser um ambiente ideal para que essa cultura de comunicação e discussão, segundo o entrevistado E5, “o ecossistema é um ótimo espaço para gente nesse trabalho de interação, discussão e oportunidades, a gente vai identificando, vai dialogando”. Porém fica evidenciado que por mais que seja relevante para o desenvolvimento do ecossistema é um indicador que precisa ser trabalhado na prática, o entrevistado E5 fala que atualmente as instituições realizam seu trabalho de forma isolada sem haver comunicação com os demais atores:

[...] atualmente do jeito que o banco faz o seu trabalho, todos os outros fazem os deles, o SEBRAE faz o dele, a FIEP faz o dele, a secretaria municipal aqui de Campina Grande faz o dela, enfim, todo mundo faz a sua parte, agora, falta essa junção, essa integração, onde a gente possa inclusive trabalhar no desenvolvimento de um projeto, para consolidar o ecossistema com acordos (Entrevistado E5).

Essa mesma dificuldade é abordada pela E10 em relação aos atores do ecossistema [...] precisam se organizar mais, porque eles trabalham muito de forma individual, o que dificulta muito para eles (Entrevistado E10). Desta forma, é claro que esse indicador é uma dificuldade encontrada dentro do Ecosistema de Empreendedorismo da Paraíba, sendo fundamental trabalhar essa perspectiva que está diretamente associada a uma cultura empreendedora bem estabelecida como também a uma sociedade participativa.

É trago também das entrevistas a relevância da *triple hélice* no contexto ecossistêmico, essa quebra de barreiras através da comunicação “a questão que a gente sempre fala de tríplice hélice, a gente quebrar os muros e as barreiras entre a tríplice hélice, a academia, o estado como um todo” (Entrevistado E9).

Então este indicador atrelado a outros que compõem a dimensão cultura são essenciais para o desenvolvimento e a alavancagem deste ecossistema no Estado da Paraíba. Diante desse cenário, o entrevistado E3 afirma que é necessário a “[...] revisão da cultura instalada sobre empreendedorismo e renovação da participação das instituições na formação da mente empreendedora”. A cultura empreendedora também é versada pelos entrevistados como

elemento relevante para o desenvolvimento do EES na Paraíba. Na literatura, os autores falam que a cultura e os valores empreendedores estão relacionados à valorização da figura do Empreendedor e à opção do empreendedorismo enquanto carreira (Isenberg, 2010; 2011; World Economic Fórum, 2013).

Na sociedade atual as dificuldades são evidentes e o empreendedorismo é uma forma de mudança desse cenário, “as pessoas são obrigadas a inventar, reinventar alguma coisa para tentar sobreviver, tem gente tentando produzir algo e fazer com que o que ele produz seja importante para o seu sustento em toda região nordeste” (E2). Dessa forma é basilar a intensificação da cultura empreendedora, que a sociedade possa ser ativamente participativa “é força de vontade, querer mudar” (E7), que haja comunicações adequadas dentro de toda a extensão ecossistêmica, que haja sensibilidade social e ética e que seja internacionalizada essas iniciativas.

Ressaltado por E11 “muita gente não sabe nem o que é o empreendedorismo social, não sabe o que é um negócio de impacto social, então eu acredito que a gente precisa falar mais sobre isso, sensibilizar mais pessoas do ecossistema para falar sobre, para que a população conheça esses empreendimentos”. Sendo assim são esse conjunto de indicadores que abordam sobre as necessidades dentro desta dimensão se fazem cruciais do ponto de vista do EES da Paraíba para o amadurecimento da educação sobre empreendedorismo e inovação e assim consequentemente gerando a integração das partes que compõem o ecossistema de empreendedorismo social, se trabalhados, discutidos e implementados de forma conjunta o resultado será surpreendente.

## 5 Conclusões

A pesquisa desenvolvida teve como objetivo analisar a configuração do Ecossistema de Empreendedorismo Social da Paraíba. Para tanto, foi utilizada as seis dimensões do ecossistema empreendedor de Isenberg (2011) e os indicadores propostos pelo modelo de Audretsch *et al.* (2022). A partir do trabalho realizado, entendemos que o EES da Paraíba reúne um conjunto de talentos e pode ser um ecossistema transformador, devendo ser compreendido como um ambiente que proporciona inovação e evolução e para que esse ciclo aconteça da forma ideal, a ação dos atores que fazem parte deve buscar sanar as necessidades encontradas e estimular as camadas detentoras de conhecimentos e os produtores detentores de talentos.

A partir da análise dos dados obtidos, percebe-se alguns entraves no Ecossistema de Empreendedorismo Social da Paraíba. Por exemplo, foi percebido que políticas públicas voltadas a empreendedorismo e inovação precisam ser implementadas. Essas políticas precisam ter orçamentos próprios e medidas de avaliação de impacto. Ademais, destaca-se o distanciamento e a ausência de interação dos atores com os programas ofertados ou até mesmo programas direcionados aos empreendedores sociais. Outro entrave perceptível é o excesso de burocracia imposta na comercialização dos produtos. Além do mais, faz-se necessário destacar que a falta de conhecimento, capacitações e treinamentos dos atores com relação à inovação social é outra limitação que desafia o desenvolvimento do ecossistema.

Aos governos, pesquisadores, gestores e atores, fica a responsabilidade e a necessidade de pensar em formas práticas e eficazes de fortalecimento do ecossistema de empreendedorismo social da Paraíba. Uma vez que, os atores desempenham seus papéis de forma isolada. Com isso, não há como avançar para o fortalecimento do ecossistema, e, consequentemente, não tem como gerar uma contribuição social de forma tão expansiva, sendo necessário maior cooperação para que haja a integração de forma positiva das partes que compõem o ecossistema.

Desta forma, esta pesquisa serviu para analisar e mencionar os caminhos necessários diante as dificuldades encontradas para conseguir o funcionamento de um ecossistema de empreendedorismo social próspero e também enriquecer e contribuir com as teorias sobre

ecossistemas de empreendedorismo social. Dentre as limitações encontradas, acredita-se que o estudo ficaria mais rico se tivesse tido participação de mais instituições e até representantes de governos. Com isso, recomenda-se para próximos estudos ampliar as pesquisas para analisar outros atores que fazem parte do ecossistema.

## Referências

- Acs, Z. J., Stam, E., Audretsch, D. B., & O'Connor, A. (2017). The lineages of the entrepreneurial ecosystem approach. *Small Business Economics*, 49(1). <https://doi.org/10.1007/s11187-017-9864-8>
- Alvedalen, J., & Boschma, R. (2017). A critical review of entrepreneurial ecosystems research: towards a future research agenda. *European Planning Studies*, 25(6), 887–903. <https://doi.org/10.1080/09654313.2017.1299694>
- Ashoka. (2021). Empreendedorismo Social. Ashoka Brasil. <https://www.ashoka.org/pt-br/focus/empreendedorismo-social>
- Audretsch, D. B., Eichler, G. M., & Schwarz, E. J. (2022). Emerging needs of social innovators and social innovation ecosystems. In *International Entrepreneurship and Management Journal* (Vol. 18, Número 1). Springer US. <https://doi.org/10.1007/s11365-021-00789-9>
- Audy, J., & Piqué, J. (2016). Dos parques científicos e tecnológicos aos ecossistemas de inovação: Desenvolvimento social e econômico na sociedade do conhecimento. *Desenvolvimento social e econômico na sociedade do conhecimento. ANPROTEC–Tendências. Brasília, DF: ANPROTEC*, 26. [www.anprotec.org.br/site/menu/publicacoes-2/e-books/](http://www.anprotec.org.br/site/menu/publicacoes-2/e-books/)
- Azevedo, L. F. de, Fonseca, P. C. D., & Missio, F. J. (2022). Distribuição de renda e regime de crescimento econômico no Brasil: avaliação e propostas. *Brazilian Journal of Political Economy*, 42(1), 25–47. <https://doi.org/10.1590/0101-31572021-3244>
- Bardin, L. (1977). Análise de Conteúdo. *Lisboa: Edições 70 Ltda.*
- Battilana, J., Lee, M., Walker, J., & Dorsey, C. (2012). Em busca do ideal híbrido. *Stanford Social Innovation Review, (Verão)*, 51–55. [http://ssir.org/articles/entry/in\\_search\\_of\\_the\\_hybrid\\_ideal](http://ssir.org/articles/entry/in_search_of_the_hybrid_ideal)
- Brush, C., Greene, P., Balachandra, L., & Davis, A. (2018). The gender gap in venture capital- progress, problems, and perspectives. *Venture Capital*, 20(2), 115–136. <https://doi.org/10.1080/13691066.2017.1349266>
- Carmona, V. C., Dai Pra Martens, C., Dal Belo Carneiro Leão, A. L., Jorge Nassif, V. M., & Rodrigues de Freitas, H. M. (2018). Empreendedorismo social: uma perspectiva bibliométrica na área de administração e negócios. *Estudios Gerenciales*, 34(149), 399-410.
- Carvalho, L. M. C., Viana, A. B. N., & Mantovani, D. M. N. (2016). O Papel Da Fapesp No Ecossistema.
- Fernandes, A. J., & Ferreira, J. J. (2022). Entrepreneurial ecosystems and networks: a literature review and research agenda. In *Review of Managerial Science* (Vol. 16, Número 1). Springer Berlin Heidelberg. <https://doi.org/10.1007/s11846-020-00437-6>
- Forum, W. E. (2014). *Entrepreneurial Ecosystems Around the Globe and Early-Stage Company Growth Dynamics, Geneva. January*, 240.
- Glaser, B. G., & Strauss, A. L. (2017). Discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research. In *Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*. <https://doi.org/10.4324/9780203793206>
- Gobble, M. M. (2014). Charting the innovation ecosystem. *Research-Technology Management*, 57(4), 55–59.
- Ikenami, R. K. (2016). *A abordagem “ecossistema” em teoria organizacional: fundamentos e contribuições*. 153. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3136/tde-28092016-112348/>
- Isenberg, D. J. (2010). The big idea: How to start an entrepreneurial revolution. *Harvard Business Review*, 88(6), 1–18.
- Isenberg, D. J. (2011). The Entrepreneurship Ecosystem Strategy as a New Paradigm for Economic



- Policy: Principles for Cultivating Entrepreneurships. The Babsos Entrepreneurship Ecosystem Project, 1(781), 1–13.
- Isenberg, D., & Onyemah, V. (2016). Fostering scaleup ecosystem for regional growth. *Innovation/Thriving Cities*, 11(1/2), 60–79.
- Kabbaj, M., El Ouazzani Ech Hadi, K., Elamrani, J., & Lemtaoui, M. (2016). A study of the social entrepreneurship ecosystem: The case of Morocco. *Journal of Developmental Entrepreneurship*, 21(4). <https://doi.org/10.1142/S1084946716500217>
- Larrinaga, O. V. (2017). Is it desirable, necessary and possible to perform research using case studies? *Cuadernos de Gestion*, 17(1), 147–172. <https://doi.org/10.5295/cdg.140516ov>
- Lévesque, B. (2016). Économie sociale et solidaire et entrepreneur social: vers quels nouveaux écosystèmes?. *Revue Interventions économiques. Papers in Political Economy.*, (54). <https://doi.org/https://doi.org/10.4000/interventionseconomiques.2802>
- Mack, E., & Mayer, H. (2016). The evolutionary dynamics of entrepreneurial ecosystems. *Urban Studies*, 53(10), 2118–2133. <https://doi.org/10.1177/0042098015586547>
- Moore, J. F. (1996). *The Death of Competition: Leadership & Strategy in the Age of Business Ecosystems*. In New York, Harper Business.
- Pesce, L.; Abreu, C. B. (2019). Pesquisa qualitativa: considerações sobre as bases filosóficas e os princípios norteadores. *Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade*, 22(40), 19–29.
- Rahatullah Khan, M. (2013). Mapping entrepreneurship ecosystem of Saudi Arabia. *World Journal of Entrepreneurship, Management and Sustainable Development*, 9(1), 28–54. <https://doi.org/10.1108/204259613111315700>
- Sassmannshausen, S. P., & Volkmann, C. (2013). A bibliometric based review on social entrepreneurship and its establishment as a field of research. Germany: Schumpeter School of Business and Economics, Wuppertal University.
- Spigel, B. (2017). *A Organização Relacional de Ecossistemas Empresariais*. 44(0), 49–72.
- Spigel, B., & Harrison, R. (2018). Toward a process theory of entrepreneurial ecosystems. *Strategic Entrepreneurship Journal*, 12(1), 151–168.
- Stam, E. (2015). Entrepreneurial Ecosystems and Regional Policy: A Sympathetic Critique. *European Planning Studies*, 23(9), 1759–1769. <https://doi.org/10.1080/09654313.2015.1061484>
- Stam, E., & van de Ven, A. (2019). Entrepreneurial ecosystem elements. *Small Business Economics*, 1–24. <https://doi.org/10.1007/s11187-019-00270-6>
- Vieira, M. L. (2019). Maturidade do ecossistema de startups na cidade de João Pessoa. 1–151.
- Villegas-Mateos, A., & Vázquez-Maguirre, M. (2020). Social entrepreneurial ecosystems: a regional perspective of Mexico. *International Journal of Entrepreneurship*, 24(1), 1–19.
- World Economic Forum. (2013). Entrepreneurial Ecosystems Around the Globe and Company Growth Dynamics. *Report Summary for the Annual Meeting of the New Champions 2013, September*, 36. [http://www3.weforum.org/docs/WEF\\_EntrepreneurialEcosystems\\_Report\\_2013.pdf](http://www3.weforum.org/docs/WEF_EntrepreneurialEcosystems_Report_2013.pdf)
- Wurth, B., Stam, E., & Spigel, B. (2021). Toward an Entrepreneurial Ecosystem Research Program. *Entrepreneurship: Theory and Practice*. <https://doi.org/10.1177/1042258721998948>
- Zahra, S. A., Wright, M., & Abdelgawad, S. G. (2014). Contextualization and the advancement of entrepreneurship research. *International Small Business Journal*, 32(5), 479–500. <https://doi.org/10.1177/0266242613519807>